



IGREJA BATISTA DO PARQUE SÃO BASÍLIO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E COMUNICAÇÃO

Encarte

JORCOM-PUBLICAÇÃO DOMINICAL - Nº 990 - 13 de Maio de 2012

SER UMA IGREJA MISSIONÁRIA - NOSSO PROPÓSITO MAIOR.

ISTOÉ - O sr. pensa sobre como seria a vida de vocês se nunca tivessem passado por essa experiência?

Kim - No começo, sim. Hoje, não mais. Por mais que tenha sido angustiante e devastador passar por tudo isso, somos gratos ao que aconteceu. Nós acreditamos que tudo acontece por uma razão. A experiência pela qual passamos juntos fez nossa relação ser o que ela é hoje. Já me perguntaram se eu faria algo diferente, caso pudesse voltar ao passado. E eu respondo com toda a certeza que não. Não tenho arrependimentos. E passaria por tudo de novo, com a fé de que algo de bom estava guardado para nós no futuro.

ISTOÉ - Sua filha LeeAnn sofreu um acidente quando era bebê e também teve danos cerebrais. Como isso aconteceu?

Kim - Isso conseguiu me deixar mais aterrorizado do que o acidente com Krickitt, porque dessa vez a culpa era toda minha e de minha esposa. Um dia, nos descuidamos por um segundo de LeeAnn e ela caiu da cadeirinha onde estava sentada. Isso foi em agosto de 2003. Nossa bebê tinha apenas dois meses de vida e estava com um sangramento no cérebro. Eu não suportava a ideia de ter de passar por tudo aquilo novamente, hospitais, exames, internação, e isso na mesma cidade onde Krickitt havia ficado internada. Enquanto aguardava notícias sobre o estado de saúde de LeeAnn, só conseguia sentir culpa, angústia e medo. Foi um pesadelo. Cinco horas depois, no entanto, os médicos avisaram que o sangramento havia parado e ela ficaria boa. Hoje, LeeAnn é uma menina doce e linda, muito parecida com a mãe. E, felizmente, não teve nenhuma sequela.

ISTOÉ - A que credita o fato de ter se mantido tão confiante e forte durante todo o processo de recuperação de Krickitt?

Kim - Sem dúvida, eu não teria conseguido isso se não fosse pelo apoio de nossas famílias e amigos. Recebemos doações de pessoas que não tinham condição nem de arcar com as próprias despesas. Também ajudou o fato de que eu sempre havia trabalhado como treinador de um time de beisebol, o que fortaleceu em mim qualidades como disciplina, perseverança e resiliência. E Krickitt também se favoreceu de sua boa condição física. Ela fez ginástica olímpica desde criança, e sem dúvida só retomou seus movimentos com perfeição porque seu corpo já estava tonificado. Outro fator importante foi a fé que eu e Krickitt compartilhamos. Apesar de não se lembrar de mim, a fé de Krickitt em Deus permanecia inabalada. Ela se lembrava de seus encontros na igreja, de estudar a Bíblia. E semanas após sair do coma já estava escrevendo em seu diário, onde anotava suas orações.

ISTOÉ - Qual é a maior lição que o sr. tirou dessa experiência?

Kim - Creio que foi entender que o amor verdadeiro é capaz de transpor qualquer obstáculo. É como se tivéssemos passado por uma batalha e vencido juntos. Depois de tudo o que passou, ainda temos um ao outro e tivemos que aprender a nos amar novamente. Krickitt teve que se apaixonar por mim uma segunda vez e eu tive que aprender a amar e a admirar uma mulher diferente da que tinha conhecido e por quem havia me apaixonado antes. Mas isso é algo que todos os casais deveriam fazer... Acho que o mais gratificante para nós é sermos um exemplo para os casais e para as pessoas em geral que estão passando por dificuldades. Se eu pudesse deixar uma mensagem a todos, diria o seguinte: Todos nós passamos por dificuldades na vida, mas juntos podemos superá-las. Basta acreditar, se comprometer e fazer o que é certo. Sempre.

A repórter da **ISTO É** esqueceu-se (ou não se interessou) em dizer que **Kim, Krickitt** e as **crianças** são membros ativos da **Primeira Igreja Metodista Unida de Farmington**, no Michigan e que o acidente não conseguiu fazer Krickitt esquecer que, aos 14 anos, ela deu sua vida a **JESUS CRISTO** na **Igreja Evangélica Livre de Fullerton**. Ela se recorda ainda disso e fala sobre isso.